



Propriedade da Empresa do "Barcellos-Revista.,

DIRECTOR E EDITOR: EDUARDO LARCHER MARÇAL.

RED. E ADM. LARGO JOSÉ NOVAES. COMP E IMP. CENTRO DE NOVIDADES

PALAVRAS E EXEMPLOS NA EDUCAÇÃO

E DUCAR não é apenas guiar a criação ao acaso, sem princípios directivos, tratando-a segundo o humor, as fluctuações do estado de espirito de quem educa.

Educar exige da parte do *educador* uma grande e corajosa abnegação. E' preciso que elle domine o seu mau humor, os seus impulsos irreflectidos, a sua impaciencia, o seu egoismo e até a sua tristeza.

A elevada missão de *formar* almas deve ser realisada com serenidade, com reflexão, com paciencia. Carece de ser illuminada por uma saudavel e consoladora alegria, como a sementeira para germinar precisa da fecunda e clara luz do sol.

A educação dos outros exige assim da parte do educador uma *auto-educação*, uma vigilancia constante sobre o proprio character, sobre a conducta propria.

A criação é essencialmente imitadora e os *exemplos* ferem a sua delicada retina moral muito mais do que as palavras.

Mil prelecções sobre hygiene impressiona-la-hão muito menos do que um contacto com um meio onde se realisem as normas de uma vida saudavel.

Mais do que continuos sermões, sobre a

bondade, a honestidade, o amor do proximo, valerão para Ella a pureza, a honradez e a abnegação que observe, na conducta dos que educam.

Será pouco menos que inutil todo o systema educativo que pretenda basear-se unicamente *nas palavras* e não sobre os *actos* dos educadores.

As palavras voam, enquanto que *as acções*, os exemplos, produzem na criação uma forte tendencia para os imitar.

A cada passo, no entanto, se observam contradicções entre as *palavras* dos educadores e os *actos* que praticam *á vista* dos educados.

Vemos, por exemplo, os que prohibem as creanças severamente de fumar e fumam impudicamente deante d'ellas, os que castigam os seus *actos* de intemperança e não se cohibem de excessos gastronomicos na sua presença; reprimem as *suas impaciencias*, as *suas rabujices*, as *suas coleras infantis* e lhes fazem sentir tantas vezes os effeitos da *propria impaciencia*, do *proprio humor*, da *propria irritação!*

Com que *auctoridade* ficam estes educadores aos olhos perspicazes da *creança*, que é um juiz mais analysta e mais justo de que se pensa?

Que effeitos terá sobre ella uma tal educação em que *as palavras* brigam com os *actos*, de quem educa?

Os effeitos... são facéis de prever: O

educador perde seu prestigio; as *palavras as advertencias*, os *castigos* perdem o seu valor.

A creança ha-de procurar, por imitação, praticar os actos que presença e que tem para ella o encanto do fructo prohibido. . . e desejado.

Pensará que realisando-os será *mais homem*, engrandecerá a sua pequena personalidade, porque vê que o que para ella é objecto de prohibição e censura pode ser livremente praticado pelos que já são *homens e senhores seus*.

D'ahi toda uma serie de consequencias immoraes, porque a creança recorrerá á *fraude*, á *mentira*, á *rebeldia*, para fazer o que lhe prohibem. E se o não consegue será pelo *medo*, pelo *terror*, que lhe inspiram os que se lhe deveriam impôr sobretudo pela auctoridade moral, pela persuasão, pelo affecto, pelo exemplo.

.
Era preciso que todos os que educam comprehendessem bem o valor *pratico* que os *seus actos* possuem, na educação, mesmo ás vezes os mais insignificantes na apparencia.

Todos os paes e educadores deveriam esforçar-se por se mostrarem sempre ás creanças como elevados modelos a seguir pela nobreza da sua conducta, pela coherencia das suas palavras com os seus actos, pela pureza da sua maneira de viver.

Todos esses que têm o nobre dever de educar deviam sentir um desejo intenso de se aperfeiçoarem, de se tornarem cada vez melhores. Esse desejo, por contagio, por suggestão, passaria para a alma dos educados e achando ahi novas forças, havia de renovar-se e engrandecer-se, tornar-se mais forte e mais productivo.

As gerações *novas* teriam assim a par de um nobre respeito pelas gerações passadas, uma fecunda aspiração de realisar essa vida cada vez mais bella, mais pura, mais digna de ser vivida.

J. B.

O homem é o obreiro do seu proprio destino. Elle será amanhã o que hoje quizer ser.

ELLIK MORN.

DR. JOSÉ BELLEZA DOS SANTOS

PARTIU para Niza, onde foi occupar o logar de Procurador da Republica, o nosso querido amigo e distinctissimo redactor d'esta *Revista*, dr. José Belleza dos Santos.

O despacho do nosso amigo foi uma reparação, embora tardia, de justiça e de merecidissima consagração ao seu vigoroso talento, como o revelou no respectivo concurso, e por isso um motivo de intenso jubilo para os seus amigos e admiradores.

Mas de envolta com a satisfação que tivemos, experimentamos tambem uma grande e sentida saudade, porque vimos afastar-se de nós um amigo querido e dedicado, um companheiro da redacção leal e sincero.

Desde ha annos que o nosso querido amigo exercia n'esta villa a profissão de advogado, honrando sempre com brio, talento e dignidade a banca da advocacia e a tribuna de onde por vezes proferiu orações brillantissimas.

Não era, porém, só no vasto campo da sua profissão que o dr. Belleza entre nós se destacava. Como educador, especialmente devotado a esse ramo da sciencia moderna que é educar e instruir para formar bons e uteis cidadãos, deixou n'esta terra bem patente a sua acção benemerita de lidjmo patriota, nas suas conferencias, nos seus escriptos e na organização da Liga Barcellense de Instrucção e Educação, de que era a alma e a cuja instituição prestou relevantes serviços.

E a maneira como a sua figura insinuante se evidenciou entre nós, pela sua intelligencia lucida, pelo seu character impolluto e pela lhaneza e affabilidade do seu trato, garantia-lhe aqui uma situação de verdadeiro destaque.

Mas a Barcellos não estava reservada a felicidade de contar por muito tempo o dr. Belleza no numero dos seus filhos adoptivos, dos mais dilectos e prestimosos.

E assim, os barcellenses, que tinham por elle uma profunda sympathia, e uma verdadeira admiração pelas suas primorosas qualidades de espirito e de coração, experimentaram uma dolorosa surpresa e uma

grande saudade ao saber que o dr. Belleza deixava esta terra.

*

Da amarga e intensa saudade que acompanha o nosso amigo, fallam-nos commovidamente as suas cartas.

Longe de Barcellos, longe do Minho a que elle tanto queria e cuja paizagem encantadora fazia vibrar enternecidamente a sua delicada alma de poeta, o dr. Belleza recorda, cheio de nostalgia e de saudade, os seus amigos, os encantos da nossa terra e do nosso Cavado, que elle apreciou como poucos, sendo a sua maior aspiração voltar para esta Provincia.

Não é, com certeza, menor o desejo que temos de que essa aspiração se realise e que muito breve o tenhamos bem perto de nós.

*

Quando, no primeiro numero do 2.^o anno, noticiamos a entrada do dr. Belleza para a redacção d'esta *Revista*, manifestamos a nossa convicção de que a sua permanencia aqui ficaria brilhantemente assignalada.

Mas o exito excedeu toda a espectativa, porque o dr. Belleza dedicou-se carinhosamente á nossa *Revista*, imprimindo-lhe uma orientação rasgada e sã, e da sua penna scintillante sahiram artigos dos mais originaes, interessantes e instructivos que aqui se têm publicado.

E se é certo que sentimos devéras a ausencia do nosso prezado companheiro da redacção, devemos dizer que os nossos leitores não sentirão a sua falta, pois mesmo de longe o dr. Belleza continua a collaborar connosco na feitura d'esta publicação a que tem dado muito do seu trabalho consciencioso e intelligente, criterioso e bem orientado, e muito e muito do seu amor!

E' por isso que a nossa *Revista* vem hoje render-lhe modesta mas bem sincera e sentida homenagem, desejando ao novo e integerrimo magistrado — a quem antevê uma brilhante e auspiciosa carreira — as maiores felicidades.



As creanças

A obra carinhosa e adoravel das Juntas de Parochia de Lisboa proporcionando banhos de mar e passeios á pequenada pobre, será esteril por limitada se não fôr imitada pelo resto do paiz.

Sim, não sei se já repararam:

Lisbôa é apenas um oitavo do paiz, a oitava parte da sua população. Faltam os outros sete oitavos, onde o analfabetismo mais campeia e onde as creanças por mais robustas e mais saudaveis não carecem menos de educação.

Desenganemo-nos: Cincoenta resoluções não são capazes de conseguir o que uma educação pôde fazer.

E como a educação é a criação de habitos — de bons habitos — e o habito não ha duvida que é dez vezes mais forte do que a natureza, — digam-me agora, se são capazes, onde e como poderá haver argumento contra a educação.

A politica está na ordem do dia e — parece — que muitos confiam no que está feito como n'um milagre. Pois sim: fia-te na . . . Republica e não corras! Devo excusar-me junto dos meus leitores do atrevimento de falar em politica n'este jornal que tão implacavelmente proscribe. Mas . . . falei de educação e — vamos com os mestres que vamos pelo seguro — Julio Michelet já dizia: *A primeira parte da politica é a educação; a segun-*



Dr. José Belleza dos Santos

E' interessante vêr passar, á tarde, as mulheres que vão para a fonte com as suas cantarinhas, em que ha graciosos desenhos com pequenos seixos brancos, impecavelmente calçadas, com o sapato de tacão, batendo o empedrado das ruas.

Mas o que causa tristeza é o infallivel chale preto que poem pela cabeça, sempre que sahem á rua e que lhes dá um ar soturno de monjas ou de orientaes.

Quando vão á Igreja ainda é peor, porque então levam a *côca*, especie de manteu, tendo á frente um pesado tecido escuro que lhes esconde completamente o rosto.

E' talvez um dos dos numerosos vestigios que a civilização arabe aqui deixou no seu longo dominio de 5 seculos.

As arabes, as persas, as fellahs, occultam da mesma forma o rosto, com um veu que apenas deixa vêr a belleza admiravel dos seus olhos ardentes, apaixonados, voluptuosos . . .

A Vizinha recorda-se, decerto, que foi por uns olhos assim perturbadores de uma Argeлина que o immortal Tartarin de Tarascon fez mil loucuras, na branca cidade de Argel . . .

O chale e a *côca* representam para as Alemtejanas uma reminiscencia attenuada do veu severo das suas antepassadas e os seus olhos conservam tambem um pouco da voluptuosa e perturbante fluidez dos olhos d'ellas . . .

A dois passos do povoado estende-se interminavelmente a *charneca*.

N'este tempo em que lhe escrevo, Vizinha, quando ahi tudo é viço e verdura, não imagina como a *charneca* é arida e monotona.

Um sol mordente e caustico abraza-a continuamente, como se fosse a lingua de fogo de uma fornalha colossal!

Parece que um largo incendio devastador passou sobre a superficie do solo, crestando as plantas, seccando a terra, encandecendo o ar . . .

A relva fica amarella e queimada, como se fosse lambida por esse fogo impiedoso.

Só a urze e a esteva conservam um verde sem brilho e sem viço, nas suas folhas embaciadas pelo pó, torcidas pelo calor . . .

Dos nossos poetas

SONETO

*Era a sonhar?... Não sei. N'aquella hora
Senti meu coração purado, absorto!
No mar da vida se me abria um porto!
Na minha noite despontava a aurora!*

*Immerso no meu pó — Lazaro morto —
Escutava a palavra redemptora...
Surgia-me o Ideal, que me enamora!
Baixavas tu ás trevas do meu Horto!*

*Mãos erguidas, os olhos longos, fitos
Nos teus olhos, oh Sol da minha vida!
Enebriavam-me gosos infinitos...*

*Trazias o resgate ao Condemnado,
Quando tu, minha Pomba estremeçada,
Poisaste n'este solo angustiado!*

CARLOS DE LEMOS.

Do seu livro
"Miragens",-1893

(1) Poeta muito distincto.—Discipulo, nos sonetos, de Anthero de Quental, e um dos mais talentosos que teve esse grande mestre da poesia portugueza.—Nos seus versos ha, por vezes, uma grave e harmoniosa simplicidade e essa «elegancia» que, no dizer de Anthero, vem da força e simplicidade do pensamento, exprimindo-se com vigor e sinceridade.

De longe a longe ha vastas herdades de terreno cultivado, conquistadas á aridez da charneca, pelos adubos chimicos que multiplicaram assombrosamente a producção.

São largos campos de trigo, n'esta epocha já ceifado, estendendo-se a perder de vista, a que as hastes cortadas do rastolho dão um aspecto tristemente desolador...

De vez em quando olivae e soutos de sobrieros, com a sua folhagem miuda e triste, estendem para o ceu os seus longos braços nodosos, como a pedir um pouco de frescura e de piedade.

E nem um fio de agua, nem uma fonte com o seu cantar doce e claro, nem um rio com o

seu murmúrio brando e dolente, alegrando e dando vida á monotona melancholia da paysagem!

Por isso o lavrador foge do campo; e percorrem-se leguas e leguas da *charneca*, sem um casal, sem uma simples cabana, sem um *lar* que se prendesse á terra desolada e nua.

Ha só os cercados para os rebanhos e a carreta do pastor que com elles vagabundeia, pela charneca immensa, como um paria esquecido sem lar e sem descanço.

A' tarde dou, ás vezes, largos passeios, por estas estradas ladeadas de oliveiras e eucalyptos.

Os rebanhos vêm recolhendo ao povoado, com as suas campainhas monotonas e tristes, como a annunciar o fim do dia.

Voltam-me então, trazidas pela onda amarga da saudade, as boas recordações que me deixou esse adoravel Minho.

Os meus olhos deixam de vêr a desolada pobreza d'esta paysagem, para só recordarem, como embebedos n'um sonho bom, a do Norte, a da sua terra, feliz Vizinha, tão garrida e viva, tão cheia de frescura e alacridade.

Campos pequenos, separados por sebes de arvores, em que ha louras messes fecundas; latadas verdes de cachos roxos, alpendrando os quintaes; casas brancas penduradas nas encostas, como ninhos, entre moitas de verdura; pinheiraes graves e sombrios, revestindo os montes, protegendo os povoados, fazendo mais vivo o verde alegre dos campos; videiras, abraçando velhos carvalhos alinhados, pelas herdades, como renques de buxo em um jardim amorosamente cuidado.

E, por toda a parte, a agua abençoada, jorrando clara, saltando em cascatas do pendor agreste das serranias, deslizando vagarosamente na chã planura dos valles: dando vida, dando frescura, dando alegria á terra generosa e farta.

Ranchos que passam do trabalho, cantando côros de um vago sabor religioso e triste; romarias de uma alegria ruidosa e viva, com o estrondo atordoante dos foguetes, o repicar festivo dos sinos, o movimento animado das danças, o recolhimento contemplativo dos idyllios...

Passeios de barco, ao cahir do dia, pelos

rios orlados de amieiros, com cantigas de lavadeiras pelas margens, e a doce canção da agua fugindo, sob os remos...

E' todo o Minho, que eu tenho no coração, é todo o Minho que eu então vejo a essa hora evocadora e triste, em que os rebanhos vão recolhendo ao povoado, com as suas campainhas, annunciando o fim do dia...

Como vê, hoje só lhe pode fallar de saudades o que foi seu Vizinho:

Importuno.

Niza — setembro de 1911.



AS PEQUENAS PATRIAS

RESUMINDO o espirito do congresso das sociedades scientificas, reunido em Pau no mez passado, o seu presidente teve uma phrase feliz quando disse: «Trabalhemos juntos n'esta obra de bons cidadãos e unam-nos para fazer despertar as nossas provincias, para insuflarmos de novo a vida, a palavra, a actividade ás pequenas patrias».

Quem se não sente realmente provinciano antes de sentir-se patriota?

Quem é que no fundo da sua alma não descobre que é patriota por que ama a sua região, aquella onde conhece a terra e a gente, aquella que fixou nos seus olhos de creança e de adolescente, aquella em que admirou primeiro a Natureza, sentiu primeiro a vida da sua personalidade complexa? Aquella aonde o prendem as tradições de familia, os interesses materiaes e moraes dos seus, a paysagem, o *meio*?

Por muito fundo que depois seja o *desenraizamento* nas escolas e depois na vida acirrada das capitaes, por mais que se lhes afigure estarem desprendidos da sua provincia, da sua terra, n'um dado momento de affectividade, de enternecimento, de abandono de ficticias energias, de appello á verdade, surge milagrosamente das sombras em que jazia o sentimento fundamental, estendendo sobre nós, viciados pela mentira convencional da sociedade, a aza branca e acariciadora dos sentimentos sinceros, fortes da sua origem natural.

Um homem do Minho, dentro de Portugal tem honra, ternura e gosto em ser minhoto, assim como o do Alentejo, alentejano e o do Algarve, algarvio.

Para aquelle não ha nada comparavel á paysagem da sua provincia viridente, xadreada em pequenos campos que as videiras cercam senhoris, amparando-se nas arvores escravas e engalanando a terra, da primavera ao outomno, com suas grinaldas de pampas como se fosse esperado a cada momento e a cada canto uma bacchanal dançan-

fortes e grandes, as lavouras de dezenas de charruas, arrastadas por bois avermelhados, revolvendo a terra com lentidão enquanto o sol funde os seus raios sobre os homens, as plantas, os animaes a uma temperatura tropical.

Ali o bulicio e o ruido de uma população superabundante, aqui o silencio e a paz de pouca gente esparso em grandes tratos de terra.

Aquelle aspecto encanta os portuguezes de lá, este enleva os de cá.



HESPAÑHA — O PORTO DE VALENCIA

te e polychromia. Nada melhor valorisa essa festa perenne do que o pequeno bosque raído de melancholia, que na encosta aconchegadamente garantisa a lenha para a lareira e o matto para as camas do gado, minuculos rebanhos, duas, tres, cinco vaccas, que passam ao fundo do quadro guiados por zagal menino, que tanto basta para guardar tão pouco e tão docil armento.

Ao alentejano só o encanta o dilatado horizonte loiro das suas searas a perder de vista, o verde quasi cinzento do montado sem extremos onde multidões de roliços porcos arrobam fartamente, a charneca vasta animada pelas manadas de cem e duzentas cabeças dominadas pelos pastores biblicos,

E entretanto todos são da mesma patria, mas abaixo d'ella, talvez antes d'ella, está a pequena patria com seus traços caracteristicos vincando a alma de uns e de outros.

Se a paysagem, se o meio são tão diversos, a actividade, a base social é differentissima tambem, é n'alguns pontos diametralmente opposta. O que serve ali não convem aqui, o que no Alentejo é bom, é mau no Minho. A constituição da propriedade, o regimen de heranças, os contractos de aluguel da terra, os systemas culturaes, as proprias plantas e animaes e os processos d'exploratorios, a organização do capital, as necessidades do credito, os systemas technologicos, nada é semelhante!

E, entretanto, as leis que a todos governam são eguaes n'um gritante despauterio, sem base scientifica d'especie alguma, a começar pela divisão administrativa riscada ao sabor de conveniencias burocraticas, amalgamando aparentemente, inutilizando de facto as naturaes provincias de Portugal tão caracterizadas, tão fortes, tão bellas na sua unidade.

*
* * *

Mas esse quadro não é só portuguez. A revolução franceza destruiu as provincias, as corporações, todos os corpos organizados ou espontaneos, com a preocupação equalitaria dos individuos, despedaçando os laços que prendiam os homens entre si, ficando todos irmãmente amarrados ao Estado, patrão da vida nacional pelo seu functionalismo, polvo de incontaveis tentaculos que pelo andar dos tempos sugaram toda a actividade nacional, toda a vida local e regional, para as capitaes, emporios burocraticos.

Como o fundamento d'essa reforma radical não era scientifico ou por outra, como não tinha fundamento, a desejada e esperada sociedade nova que a revolução talhara theoreticamente, ainda que a golpes reaes de guilhotina, apenas entrou em variações desordenadas durante um seculo, para agora renascer forte e disciplinado o espirito corporativo e o espirito provincial, por que esse é que é o verdadeiro, o legitimo sentimento que está na alma humana.

Em França e na Italia, apezar do longo trabalho administrativo em sentido contrario, surge sob as fórmulas as mais variadas: agrupamentos litterarios, artisticos, religiosos, archeologicos, restauração de linguas antigas, movimentos regionalistas, propostas e campanhas de descentralisação, e, sobretudo, ligando-se n'este ponto justas ambições provinciaes e corporativas, uma floração magnifica de instituições sociaes de progresso agrario.

Em Portugal, apezar de estar vivo em nossos corações o amor da provincia, não o exteriorisamos em factos que sejam a affirmação d'este sentimento. Retraídos, egoistas, temendo esse pavor nacional que se chama o ridiculo e a troça dos estultos, ou nos isolamos selvaticamente em nossas casas ou ma-

Poetas brasileiros

SONETO

*Vae-se a primeira pomba despertada...
Vae-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca a madrugada...*

*E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes de novo ellas, serenas,
Rufando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoadas...*

*Tambem dos corações onde habitavam,
Os sonhos, um por um, celeres voam,
Como voam as pombas dos pombaes;*

*No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem... Mas aos pombaes as pombas voltam,
E elles aos corações n.º voltam mais...*

RAYMUNDO CORRÊA.

nifestamos sociabilidade indo para a botica, para o club sem idéas, para o adro da igreja perder horas infindas a discutir politicos, o que é muito differente de versar politica.

Entre nós, os propositos de 1790 foram cumpridos á risca. A machina administrativa esmagou as pequenas patrias, e nem por isso fez maior a grande patria.

A agricultura, que podia e devia ter melhorado muito de condições, se os filhos de cada região se tivessem juntado n'esse proposito sob a egide dos mais capazes, só agora começa a engatinhar n'essa via.

A capital, com os divertimentos e commodidades inherentes, a descaçada e mediocre carreira burocratica, attraíndo o nosso temperamento de goso e de repouso, com ambições limitadas a frequentar S. Carlos e subir bem janota a Avenida, sorveram dos campos todos aquelles que levantavam a cabeça acima da mediania intellectual.

Ficou a provincia sem dirigentes que passaram a ser, no grande centro, uns dirigidos. Os gostos não se discutem.

Por outro lado as especulações rhetoricas da Universidade chamaram e chamam muito mais as nossas imaginosas faculdades de intelligencia — prompta mas geralmente incapaz de sequencia e plano scientifico e de temozia investigadora — do que os cursos de applicação: o do Instituto de Agronomia por exemplo.

O espirito afastou-se da *terra mater*, como agente de vida, de fortuna, de bem estar. A terra passou a ser um sentimento ou um

l'os para a terra sincera, fecunda, uberrima cultivemos o germen do amor á provincia que em nossa alma está ainda vivo.

E se conseguirmos dar vida assim ás pequenas patrias, vida moral e vida material, temos fortalecido e enriquecido a grande patria, como augmentamos na eira o monte de trigo fazendo com que pelo nosso esforço scientifico cada planta afilhe muito e cada colmo suporte maior numero de maiores grãos.

D. LUIS DE CASTRO.



GRUPO DE BARCELLENSES NO RIO DE JANEIRO

debique litterario. Apenas ficaram a ella amarrados os servos da gleba.

Entretanto começam agora a despontar pequenos fôcos provinciaes de actividade regionalista, em geral sob a forma de associações agricolas. Alguns d'esses centros de actividade tem a oriental-os verdadeiros apaixonados, intelligencias cultas, que são garantia de exito.

Dêmos-lhe impulsão, dêmos-lhe força, coragem, pela nossa propaganda insistente na imprensa, chamemos a attenção publica para esses emprehendimentos meritorios, desviemos a tendencia da mocidade para os vãos rhetorismos universitarios e encaminhem-

Grupo de barcellenses

ALGUÉM se lembrou em momento nostalgico de reunir os barcellenses, conhecidos, no Rio de Janeiro e registrar em photographia o grupo que conseguisse organizar-se.

Com largueza de *plano*, e mesmo com intuitos sympathicos, fez-se um *programma*.

Viu-se, desde logo, que o tentamen resultava difficil, pois só com muita sollicitação, com esforço e o indispensavel tempo, se conseguiria praticar.

Por isso, do pé para a mão, de afogadilho, n'uma tarde de domingo, calmosa, um electri-

N'UM LEQUE

*O triste cardo do monte
Prende as raizes ao chão,
Só eu não prendo ninguém
Dentro do meu coração.*

*A rosa que tu me deste
Murchou, em breve morreu,
Com saudades do teu peito
Onde algum tempo viveu.*

*Ninguém te ouviu coração
Podes chorar á vontade
Só eu sei por quem tu choras,
De abandono e de saudade.*

*De noite sonhei contigo
E não sei como . . . a sonhar
Pedi a Deus por castigo
P'ra nunca mais me acordar.*

*Silêncio, meu coração,
Que, se te vêem soffrer,
Pensam que choras alguém
De quem te mandei esquecer.*

*Oh agua que vaes correndo,
Que não tornas a voltar,
Leva esta magua contigo,
Lá para o fundo do mar.*

*Flôr desfolhada na haste,
Matou-a o frio do outomno,
Como me mata o abandono
Em que um dia me deixaste.*

*Q'ria poder-te escrever
Uma carta tão extensa,
Como esta amargura immensa
Que tenho de te não vêr.*

24—10—1910.

VEIGA CABRAL.

co fretado conduziu ao Leme essa rapaziada da terra que a photographura apresenta.

Logar a 40 minutos do coração da cidade, acariciado por marinha d'uma alegria enternecedora!

Improvisou-se sábia e prudentemente uma meza de arraial minhoto e sobre ella appareceu, talvez pela vara magica de Lucullo, abundosa, bem odorifera e condignamente condimentada refeição, com accentuada nota luzitana, em que o vinho verde sorria vermelho e lindo.

Houve brindes, recordou-se tudo que a distancia faz sempre ver com perspectivas sem leis fixas, inéditas . . .

Depois . . . veio a noite, chegou o *bonde* especial, e todos os convivas ficaram certos de que a vida é bôa, depois de um bom jantar e na companhia de excellentes amigos.

A. SOUCASAUX.

Negar o aperfeiçoamento moral aos homens, deixa-os na bruteza e na ignorancia, é um acto immoral e por consequencia um crime.

ALEXANDRE HERCULANO.

A agricultura Valenciana

A região de Valencia denominada *Huerta-Valenciana*, tem attingido um grande progresso agricola, mercê do grau de adiantamento da sua população rural, e de admiraveis condições naturaes, como a proximidade do porto de embarque; o ser dotada d'um clima muito temperado e benigno; as suas terras terem uma natureza e constituição especiaes; a grande abundancia de aguas de rega, e a facilitar tudo, a pequena inclinação das suas terras; fez eu d'esta região um grande centro de cultura intensiva. Nem outra cousa era de esperar, com tantas e tão grandes condições de vida. Por um lado a natureza prodigalizando tantos beneficios, por outro o Estado, canalizando as aguas dos rios, para os utilizar na irrigação.

O proprietario paga ao Estado a insignificante quota annual de 25 centimos pela agua que precisar para a rega de 831 metros.

O corredor ou comprador dos productos destinados á exportação, é ordinariamente o individuo que se encarrega do seu empacotamento e transporte ao porto de embarque,

aufere uma boa retribuição do seu trabalho.

O industrial trabalhando as madeiras destinadas ás caixas ou barris, tambem consegue fírar uns lucros rasoaveis. Infelizmente talvez de todos o que menos lucra, relativamente ao trabalho que dispende, e aquelle que menos garantia tem do capital que emprega, é sempre o pobre trabalhador rural. Não quero com isto dizer que o operario rural hespanhol tire pouco resultado das suas terras; pelo contrario tira pelo menos

E' preciso que todos trabalhemos pela agricultura, porque o seu desenvolvimento irá beneficiar todas as classes sociaes. Convem comtudo especialisar que, no caso particular da agricultura minhota, o principal trabalho deve ser o do proprietario. O caseiro não é tão ignorante, nem tão perverso de costumes como se apregoa.

O nosso trabalhador é na maioria analphabeto, vive mal, alimenta-se e veste mal; mas este estado de cousas, já é para elle um habito; não creou necessidades, e como tal



HESPANHA — PREPARO DA UVA PASSA EM DÉNTA

o preciso para satisfazer as suas necessidades, que são em muito maior numero do que o nosso. Alimenta-se e veste bem, e tem a casa limpa.

Quando é que nós, pelo nosso esforço, conseguiremos que a propriedade em vêz de 3 0/0 vá a 5 0/0; que o trabalhador trabalhe menos e se alimente e vista melhor?

Sem querer por forma alguma dizer que devemos seguir á risca todos os trabalhos e culturas que se fazem na região de Valencia, visto que são diferentes as condições em que nos encontramos, eu responderei comtudo, que, dispendendo um trabalho bem orientado, era facil conseguir-o.

o estímulo ao trabalho, não é sufficiente para o impellir para um trabalho de investigação consciente.

O trabalhador hespanhol tem, no geral, um espirito mais esclarecido, sabe avaliar praticamente, e com uma exactidão mathematica, o dispendio em trabalho, sementes e adubos; calcula as producções medias, e os lucros liquidos de todas as culturas. Não se pôde dizer que esteja todo educado scientificamente, mas conhece muito bem a terra com que lida, e o clima da região. Pode dizer-se que o trabalhador se tem aperfeiçoado, principalmente devido ao seu espirito investigador e ao continuo labutar de muitas gerações, que conservam inalteraveis todo e

qualquer grangeio ou adubação, que se lhes afigura mais pratica e economica.

A orientação do trabalhador rural, é tirar o maior resultado possível das suas terras, sacrificando até algumas culturas, que são exclusivamente destinadas ao consumo.

As principaes culturas são destinadas á exportação, quer essa exportação seja para o estrangeiro, pelos portos de embarque, quer pelo caminho de ferro para os mercados de Barcelona, Paris e Madrid e diversas cidades e povos. Já d'aqui se pode avaliar a grande riqueza d'esta região, pela sua colossal exportação, pois no que se refere ao estrangeiro, essa exportação passa a enorme cifra de 17 mil contos annuaes.

A importação tambem é importante, mas é significativa, pois que além da pequena quantidade de trigo, se importam grandes quantidades de adubos chimicos, madeiras ceradas para as caixas, e grande quantidade de materias primas, para um avultado numero de industrias.

Cultivam para a exportação a laranja, a cebola, o melão, o tomate, o amendoim, a batata, a uva, o alho, a avellã, a romã, o limão, a alfarroba, a amendoa, o arroz, etc.

Cultivam para consumo o trigo, o arroz, o feijão, a batata e toda a qualidade de plantas hortícolas.

As culturas do milho, cevada, aveia, centeio, fava, alfarroba e os prados de luserna, são destinados á alimentação do gado de trabalho e á engorda dos touros, porcos e carneiros.

Apresentamos n'este numero duas photographias; uma abrange parte do porto de Valencia, por onde já se pode facilmente calcular o seu grande movimento. Formando uma fila extensa se vêem em parte do porto um grande numero de vapores, quaes couraçados dispostos a bombardear a cidade. Mas felizmente que differente é a sua missão; o couraçado com as suas torres blindadas, os seus potentes canhões, as suas fortes couraças, leva a toda a parte a destruição e a morte; e estes pequenos vapores, são a vida, a alegria, o trabalho e a actividade.

No caes, vêem-se filas enormes de cai-

xas de productos agricolas, destinados ao embarque.

Mais ao fundo encontra-se o typico carro de transporte, puxado por tres cavallos.

Segundo os dados estatisticos, que colheimos, da exportação dos principaes productos agricolas, durante o anno de 1910, sò pelo porto de Valencia foi o seguinte:

Laranja	4:535:709	caixas
Cebola	2:120:956	»
Melão	249:997	»
Tomate	137:188	»

*

A photographia dos taboleiros d'uva, que hoje reproduzimos, foi tirada na importante villa de Denia, um dos grandes centros de exportação d'uvas frescas e uva passa.

Os taboleiros de canna são destinados a acabar de seccar a uva ao sol, depois de já ter sido escaldada, pela immersão em agua quente, contendo em dissolução a potassa.

A principal cultura n'esta região de Denia é a vinha; a exportação da uva attinge a importante cifra d'alguns milhares de contos.

A vinha estende-se desde a planicie, até pelas encostas dos montes.

Tambem exporta muita amendoa, avellã e amendoim.

N'esta villa hespanhola, tive occasião de apreciar de perto não só as grandes qualidades de hospitalidade da respeitavel familia Domenech, a quem por todos os motivos sou summamente grato, assim como a nobreza de sentimentos dos seus habitantes.

Não poderei deixar de salientar o notavel pensador Evaristo Gomêz Puig, espirito moderno de verdadeiro democrata, e o illustrado D. Mateo Devesa, um bello coração, de uma affabilidade sem limites.

L. M.



RECTIFICAÇÃO

O nosso distincto collaborador, Sr. dr. Ruy Paes de Villas-Bôas, pede-nos a rectificação seguinte:

O soneto de Jean Richepin, *Sonnet pour éven-tail*, publicado no n.º 21 d'esta Revista, não lhe foi offercido, mas sim escripto pelo eminente poeta francez, no livro de visitantes da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, de onde o snr. dr. Ruy Paes o trasladou.